

DIAGNÓSTICO E PROGNÓSTICO DAS AVENIDAS DOUTOR LISBOA E GETÚLIO VARGAS E DA RUA ADALBERTO FERRAZ

1. Contextualização Inicial

Processos de requalificação ou revitalização devem ser realizados com o objetivo de melhorar os espaços públicos para a circulação de pedestres, automóveis e ciclistas, no intuito de atender às necessidades de cada região. Regiões comerciais demandam maior espaço para circulação de pedestres, espaços de permanência e de contemplação, de forma que a interação do usuário com o espaço que o rodeia seja melhorada, conectando-o com os elementos construídos, o comércio existente e os elementos paisagísticos locais.

Objetivando realizar um diagnóstico para a requalificação viária das Avenidas Doutor Lisboa e Getúlio Vargas e da Rua Adalberto Ferraz, situadas no centro do município de Pouso Alegre, realizou-se um levantamento de dados através de entrevistas que possibilitassem a identificação das demandas da população comerciante situada na área, bem como dos pedestres frequentadores da região.

Para a realização do diagnóstico foi realizado um diagnóstico in loco, com o levantamento da situação atual, dos fluxos viários e das dificuldades de deslocamentos de pedestres na região, o diagnóstico utilizou a metodologia Safari de intervenção urbana, resultando em um projeto síntese em concordância com as reivindicações e sugestões dos comerciantes e transeuntes, através do processo de placemaking.

O placemaking consiste basicamente na concepção de espaços voltados à comunidade, priorizando o processo de observação e escuta dos usuários que trabalham, frequentam e vivem naquele lugar, desenvolvendo um projeto de acordo com as necessidades da população e priorizando seu acesso e usufruto sobre quaisquer circunstâncias.

Foram identificados os principais problemas das avenidas e da rua em concordância com a região onde está situada. A Avenida Doutor Lisboa, Getúlio Vargas e a Rua Adalberto Ferraz possuem um fluxo intenso de veículos e pedestres durante todo o dia, que acaba se agravando nos horários de pico, suas dimensões estão voltadas ao trânsito de veículos, desconsiderando sua aptidão comercial e a necessidade de espaços qualificados para o trânsito de pedestres. Essas avenidas compõem o centro comercial de Pouso Alegre, sendo a Avenida Doutor Lisboa, considerada como a principal via comercial do município, dando acesso à Igreja Matriz e a diversos bairros, como o Primavera e Medicina. Ademais a Avenida possui uma concentração de serviços comerciais, como agências bancárias, lotéricas e lojas de departamento, por este motivo um grande fluxo de pedestres frequenta as avenidas, que por possuírem calçadas estreitas, acabam ficando apertadas, resultando em pouca qualidade no deslocamento do pedestre.

Também foram identificadas obstruções ao caminho dos pedestres por postes e caixas de serviço, além da falta de elementos voltados à acessibilidade de pessoas com deficiências físicas ou mobilidade reduzida. Notou-se também, a falta de espaços de permanência para os usuários que frequentam a área.

Portanto se faz necessário um projeto de requalificação que coloque o pedestre como elemento principal destas ruas, com o aumento das calçadas, criação de áreas para permanência, com boa iluminação nos horários noturnos, sombreamento, bancos e áreas para comer, criando a sensação de um shopping à céu aberto. A seguir será detalhado a aplicação da metodologia Safari.

Para um melhor detalhamento da análise de dados, as tabelas resultantes da aplicação da metodologia Safari podem ser consultadas no item 8 deste relatório.

2. OBJETIVOS

Geral: Promover requalificação viária das Avenidas Doutor Lisboa e Getúlio Vargas e Rua Adalberto Ferraz, localizada no centro de Pouso Alegre, a partir da interação com a comunidade de comerciantes e transeuntes da região.

Específicos:

- Identificar as demandas da população de comerciantes e frequentadores da região através de questionário estruturado e entrevista;
- Elaborar uma análise aplicando a metodologia Safari de intervenção urbana;
- Elaborar projeto síntese de acordo com as expectativas de frequentadores e dos comerciantes (placemaking).

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Entende-se por áreas de uso coletivo, de domínio e acesso a qualquer cidadão como um espaço público, para Mora (2009), o espaço público tem relação com os locais de circulação, práticas e manifestações sociais, compreendendo elementos urbanos, tais como ruas, praças, espaços de lazer, esporte e recreação, parques urbanos e de preservação ambiental.

Partindo então da premissa que a rua é um espaço público por excelência, e que a cidade é um direito, como dito por David Harvey (2008) “é um direito comum antes de individual já que esta transformação depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo de moldar o processo de urbanização.” é evidente que a preocupação ao se pensar na requalificação desse espaço deve ser em satisfazer às demandas da população ocupante do mesmo, e para isso é necessário entender como funciona a cidade e a rotina das pessoas.

Isso é ainda mais claro ao se tomar a ideia de Park (1967) que faz da cidade a representação dos desejos do homem, que ao criá-la, cria o mundo em que está condenado a viver, criando assim a si mesmo.

E durante o processo de caracterização dessa requalificação, é importante que se valorize mais a relação construída entre espaço e população, do que a variável estética que atrelamos automaticamente ao se pensar em arquitetura, como menciona Silva (2011) “um espaço urbano não é definido simplesmente pela arquitetura, mas também pelas regras, pelas instituições e pelos significados a que ele se encontra associado” tomando o cuidado necessário para não se tornar mais um projeto de comercialização da requalificação, sendo esta a ponte para a valorização da área no ponto de vista econômico, causando uma segregação social, ou como falado, uma “gentrificação”, termo derivado de um neologismo criado pela socióloga britânica Ruth Glass para definir o fenômeno do retorno da classe média ao centro de Londres, que expulsou moradores da classe operária que habitavam o local (SMITH, 1996)

Para Alves (2003), o desenho urbano deve ainda ser um balanço criativo “entre os anseios e os conflitos de necessidades, produzindo uma imagem unificadora do espaço, sentida e perpetuante”, assim um mesmo espaço público pode compreender diversas funcionalidades e atribuições, conforme a demanda social. Ressaltando também o fato de ser essencial a programação adequada da utilização do espaço, ao longo do dia e/ou da noite, “contrabalançando sabiamente entre a liberdade de utilização e de apropriação de um espaço e a sua disponibilidade face ao respeito pelas necessidades e desejos de outros”. Sintetizando-se então a necessidade de se criar um espaço de convívio urbano que atenda as mais diversas demandas da população, com conforto, segurança e qualidade ambiental.

4. Avaliação Pós Ocupação (APO)

A fim de que se comprove e avalie as demandas sociais, é de extrema utilidade a realização de uma Avaliação Pós-Ocupação (APO), sendo a rua um espaço público já em uso, que é capaz de “criar procedimentos que estimulem o desenvolvimento de propostas que visem o bem-estar do usuário” (Ornstein, 1992).

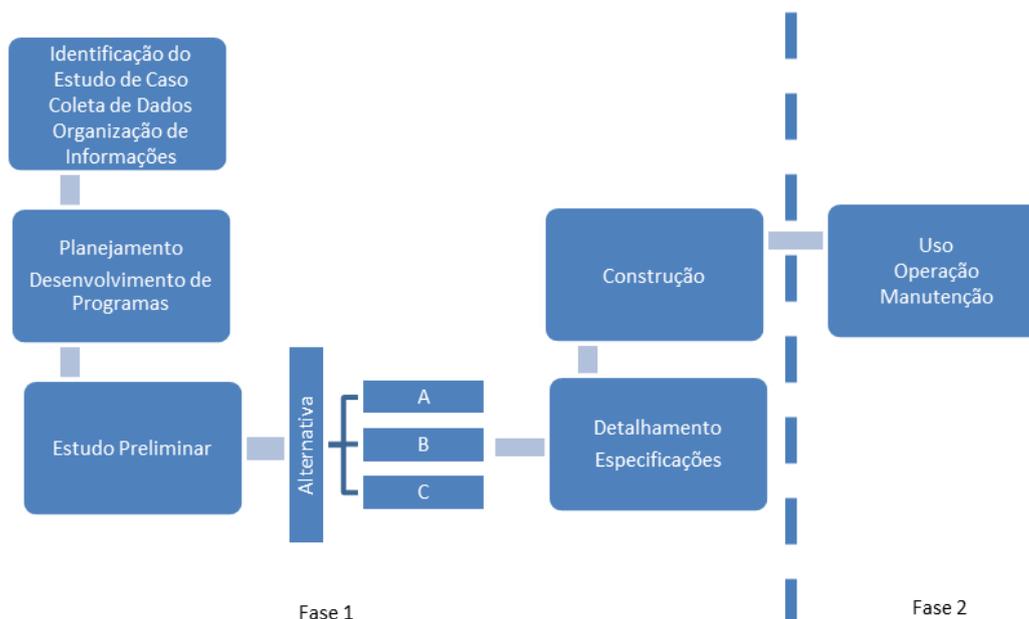
Originadas no Reino Unido, a APO provavelmente surgiu da tendência à construção científica nas décadas de 1950 e 1960, onde o Instituto Real de Arquitetos Britânicos (RIBA, 1963) quebrou a sequência de instruções e uso de estágio claramente definidos, incluindo um estágio final, em que os arquitetos examinaram o sucesso do que haviam projetado (PREISER; VISCHER, 2005).

Já no Brasil, a APO foi disseminada durante a década de 1980 no meio acadêmico, e tem se mostrado uma contribuição bastante significativa ao campo da Tecnologia da Arquitetura e do Urbanismo (TAU), no qual as “áreas” para pesquisa (ainda) são relativamente poucas (ORNSTEIN, 2017), no entanto, ainda é muito pouco explorada por áreas correlatas, como a engenharia civil.

A realização de uma APO propicia, ao estudar o meio em que determinado projeto será inserido, que o mesmo seja adequado àquela realidade, bem como afirma Rheigantz et al (2009), a APO faz com que os projetos sejam mais assertivos e adequados às solicitações humano-ambientais e à qualidade do lugar.

A metodologia de realização de uma APO, conforme Ornstein, avalia fatores técnicos, econômicos, estéticos e comportamentais, levando-se em conta a opinião de projetistas e usuários, a fim de diagnosticar aspectos positivos e negativos, procurando assim, minimizar e corrigir problemas e realimentar o ciclo do processo de produção e uso de ambientes semelhantes. Essa metodologia é apresentada na figura 1 a seguir, caracterizando as duas fases do ambiente construído: fase 1 - planejamento, projeto e construção e fase 2 – uso do ambiente.

Figura 1 - Ciclo de realimentação do processo e uso



Fonte: Adaptado de Ornstein (1992)

Os principais métodos de pesquisa em APO se relacionam à aspectos físicos, funcionais e comportamentais, podendo se dividir entre meios de avaliação técnica e de análise perceptiva. Tais métodos foram brevemente explicitados na figura 2.

Figura 2 - Métodos APO

Quadro 3 – Principais métodos/técnicas de pesquisa em APO – em ordem alfabética

Método/Técnica	Descrição
Análise de Behavior setting	A análise de uma situação comportamental como “um sistema limitado, auto-regulado e ordenado, composto de integrantes humanos e não-humanos substituíveis, que interagem de um modo sincronizado para realizar (...) o programa do setting” (Wicker, 1979).
Análise de Vestígios de comportamento	Resíduos que a ocupação humana deixou no ambiente, verificados pelo pesquisador, pode entender o que ocorreu no local mesmo sem ter assistido à ação ou visto os usuários. Podem acontecer por erosão (algo foi retirado do local) ou por deposição (algo foi deixado no local).
Avaliação técnico-funcional	Investigação profissional sobre aspectos construtivos e funcionais da edificação (Exemplo: superestrutura, pisos, alvenarias, esquadrias, impermeabilizações, instalações, coberturas, área construída e área útil, circulações, adensamento, layout, acessibilidade, conforto ambiental e outros).
Entrevistas	Conversação voltada para atender a um determinado objetivo, que resulta em um conjunto de informações sobre sentimentos, crenças, pensamentos e expectativas das pessoas.
Grupo Focal	Entrevista em grupo que permite a discussão organizada de um tema, com a presença de um moderador e assistentes. Os resultados são qualitativos e complementam os dados quantitativos obtidos por meio de questionários.
Mapeamento comportamental	Registros gráficos das observações relacionadas com as atividades dos usuários em um determinado ambiente; o mapeamento pode ser centrado na pessoa ou centrado no ambiente.
Mapa mental	Elaboração de desenhos ou relatos de memória representativos das ideias ou da imageabilidade que um usuário ou grupos de usuários tem do ambiente.
Mapeamento visual	Identifica a percepção dos usuários em relação ao ambiente, com foco na localização, na apropriação, na demarcação de territórios, nas inadequações a situações existentes, no mobiliário excedente ou inadequado e nas barreiras.
Matriz de descobertas	Principais achados da pesquisa (pontos positivos e negativos detectados) apresentados de modo gráfico, associado a planta baixa e/ou corte.
Poema dos desejos	Conjunto de sentenças escritas ou desenhos que exprimem as necessidades, sentimentos e desejos dos usuários com relação ao edifício ou ambiente.
Quadro de recomendações	Conjunto de recomendações para intervenção no local estudado, que podem envolver ações a curto, médio e longo prazo.
Questionários	Conjunto de questões relacionadas a um determinado assunto ou problema, utilizado para obter informações sobre percepção ambiental, comportamentos e atributos.
Seleção visual	Identifica os valores e os significados agregados pelos usuários ao ambiente em uso.
Walkthrough	Percurso dialogado pelo local, complementado por fotografias, croquis gerais e gravação de áudio e de vídeo, abrangendo todos os ambientes.

Fontes: Barker (1978); Elall, Pinheiro (2011); Gunter, Pinheiro (2008); Ornstein, Romero (1992); Ornstein, Bruna, Roméro (1995); Preiser, Rabinowitz, White (1988); Rheingantz et al. (2009); Sommer, Sommer (2002); Wicker (1979); trabalhados pela autora.

Fonte: Bastos, 2015

A APO traz uma personificação técnica à necessidade de bem estar coletivo e demanda social, através de sua metodologia sistêmica e da visão dos técnicos envolvidos (engenheiros, arquitetos e projetistas). Ela destrincha em etapas e processos a construção de um projeto arquitetônico ou urbanístico de interesse social, sendo este um projeto genuinamente arquitetônico, onde arquitetos cumprem com sua função de responsabilidade social na “produção de um ambiente que enfatize as dimensões humanas e o bem estar físico e mental de seus usuários”. (ANTONIADES, 1981)

No Brasil, é recomendável que se desdobre as APOs em seis níveis, em que, os três primeiros são avaliações físicas e os três seguintes são as APOs em si, indicativa, investigativa e diagnóstico respectivamente, em que os níveis são caracterizados na figura 3 a seguir:

Figura 3 - Os seis níveis de serviços de avaliação para o caso brasileiro

Níveis	Atividades	Prazos
Nível 1 Avaliação Física	DIAGNÓSTICO Aspectos construtivos, funcionais e de conforto ambiental	Realizada pela equipe técnica em 20 dias
Nível 2 Avaliação Física	DIAGNÓSTICO E RECOMENDAÇÕES Aspectos construtivos, funcionais e de conforto ambiental	Realizada pela equipe técnica em 30 dias
Nível 3 Avaliação Física	DIAGNÓSTICO, RECOMENDAÇÕES E ESPECIFICAÇÕES TÉCNICAS PARA REALIZAÇÃO DOS SERVIÇOS PROPOSTOS (CADERNO DE ENCARGOS) Aspectos construtivos, funcionais e de conforto ambiental	Realizada pela equipe técnica em 40 dias
Nível 1 APO	AVALIAÇÃO FÍSICA - NÍVEL 2 + ASPECTOS COMPORTAMENTAIS Diagnósticos e Recomendações	Realizada pela equipe técnica em 60 dias
Nível 2 APO	AVALIAÇÃO FÍSICA - NÍVEL 3 + ASPECTOS COMPORTAMENTAIS Diagnóstico, recomendações e especificações técnicas para realização dos serviços propostos (caderno de encargos)	Realizada pela equipe técnica em 90 dias
Nível 3 (especial) APO	APO - NÍVEL 2 + ACOMPANHAMENTO DAS INTERVENÇÕES E DIRETRIZES PARA PROJETO, CONSTRUÇÃO, USO, OPERAÇÃO E MANUTENÇÃO	Prazos em aberto

Figura 3 - Os seis níveis de serviços de avaliação para o caso brasileiro

Fonte: Ornstein (1992)

Ao término da análise é esperado que se possa propor soluções para problemas evidenciados, que a solução seja conjunta entre técnicos e usuários e que haja um controle maior de qualidade nos processos e no uso do ambiente, favorecendo acima de tudo a utilização do espaço conforme sua necessidade.

5. Placemaking

A interação homem-lugar deve ser tratada como prioridade na concepção de espaços, para tanto, esse mesmo espaço deve ser majoritariamente ocupado pela comunidade, prevalecendo seu uso sobre quaisquer outras circunstâncias. Em outras palavras, a ocupação de um determinado lugar deve ser pensada para o uso comunitário, atendendo às necessidades da população e promovendo a interação das pessoas com o próprio meio e entre si, sobressaindo ao uso desse mesmo lugar pelos automóveis, que tanto os ocupam nos últimos tempos.

O processo de placemaking se desenvolve basicamente, “com a participação da comunidade em seu centro, em um processo efetivo de organização de capital, que aproveita os ativos, a inspiração e o potencial de uma comunidade local e resulta na criação de espaços públicos de qualidade que contribuem para a saúde, a felicidade e o bem-estar das pessoas.” (PPS)

Esse processo partiu do trabalho de William “Holly” White nos anos de 1970 na cidade de Nova Iorque, que se expandiram para a criação da organização sem fins lucrativos PPS em 1975, caracterizada por ser o ponto central do movimento global de placemaking.

Placemaking “consiste em olhar, ouvir e fazer perguntas para as pessoas que vivem, trabalham e frequentam um espaço em particular, com o objetivo de descobrir suas necessidades e aspirações. Esta informação é utilizada para criar uma visão compartilhada do espaço e pode rapidamente evoluir para uma estratégia de implementação, começando em uma escala pequena - com melhorias fáceis de implementar -, que imediatamente podem trazer benefícios para o espaço e para as pessoas que o utilizam.” (SANTIAGO; HEEMANN, 2015)

O uso do conceito de placemaking no desenvolvimento de um projeto de requalificação é essencial e óbvio quando se tem como foco principal do projeto a criação de um espaço para a sociedade, visto que, os espaços públicos são de direito da comunidade e devem servir às suas necessidades sociais.

Com tudo isso, busca-se incluir a comunidade na criação do seu próprio espaço de maneira ativa, unindo a necessidade, a vontade de mudança e a ação.

A PPS fornece 11 princípios fundamentais para a transformação de qualquer espaço, com base na adaptação destes princípios presentes no Guia do Espaço Público, eles foram resumidamente esses princípios enumerados a seguir, junto às diretrizes. (SANTIAGO, 2015:)

- O especialista é a comunidade - criar um senso de propriedade comunitária, através do conhecimento de quem realmente faz uso do local;
- Vá além do design: crie um lugar - preocupar em fazer com que as pessoas se sintam bem-vindas e confortáveis no local.;
- Encontre parceiros - importantes para dar suporte e tirar o projeto do papel. Os parceiros podem ser instituições locais, museus, escolas, entre outros.
- Você pode ver muito ao observar - observar como as pessoas estão usando (ou não usando) um espaço público, você poderá descobrir o que elas gostam e não gostam o que funciona e o que não funciona.
- Tenha uma visão para o espaço - preocupar em fazer com que as pessoas que vivem e trabalham no bairro sintam orgulho daquele espaço e se identifiquem com ele.
- Simples rápido e barato - Os melhores espaços experimentam possibilidades fazendo melhorias de curto prazo, que são testadas e refinadas durante muitos anos.
- Triangulação - fazer com que pessoas se aproximem e se relacionem, através de estímulos externos.
- Sempre dizem “não pode ser feito” - Fazer implementações de pequena escala com a comunidade pode demonstrar a importância desses “lugares” e ajudar a superar os obstáculos.

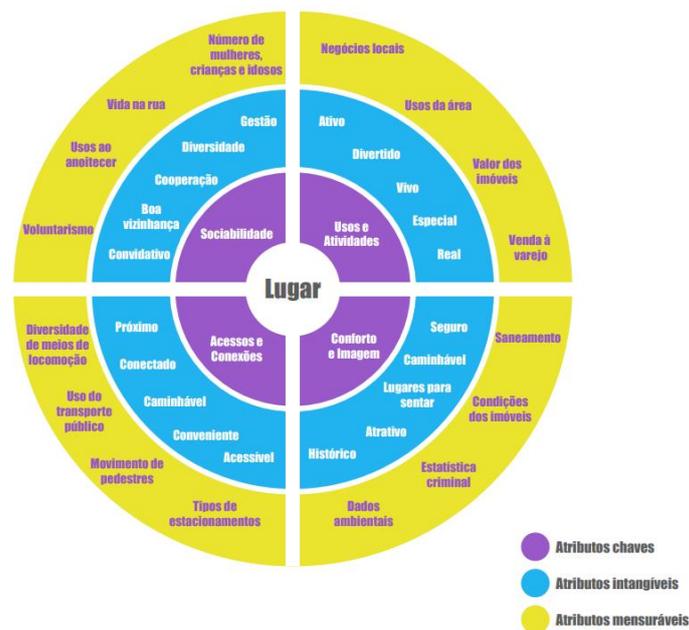
- A forma deve dar suporte à função - Com base na função, pense no design do espaço: ele deve servir para realizar os objetivos e atividades propostas.
- Dinheiro não é o problema - comunidade e outros parceiros estão envolvidos na programação e em outras atividades, esse envolvimento também pode reduzir os custos do projeto.
- Você nunca terminou - bons espaços públicos atendem necessidades, opiniões e mudanças da comunidade.

Além disso, a PPS forneceu qualidades presentes em espaços públicos bem-sucedidos e fundamentais para elaboração de projetos de transformação:

- Acessível Pessoas de todas as idades e condições físicas (inclusive aquelas que têm grande dificuldade para se locomover) conseguem chegar ao espaço e se locomover nele;
- Ativo Oferece diferentes atividades e formas de as pessoas usarem o espaço;
- Confortável O espaço tem lugares para sentar, uma vista agradável e outros atributos que o tornem mais convidativo;
- Sociável Um lugar onde as pessoas encontram amigos ou até conhecem novos amigos.

A síntese dos conceitos de placemaking serve como base para avaliar um espaço público, o que leva à resposta do que faz um espaço público ser bem sucedido, principal objetivo na construção e gestão de um espaço. Essa síntese se encontra na figura

Figura 4 - Diagrama de avaliação do espaço público



Fonte: Santiago (2015)

6. Place Branding

O conceito de place branding surgiu como uma ampliação da ideia de Nation Branding, instaurada por Simon Anholt em meados dos anos 1990, que tratava da marca-país. A ideia inicial de Anholt era de que a reputação de países possui similaridade com a imagem da marca de produtos e organizações e essa marca pode ser importante para a gestão de lugares (SILVA, 2014)

Para Anholt (2007), citado por Silva (2014), os países precisam desenvolver uma reputação favorável perante os outros países para tornarem-se competitivos na comunidade global.

“Hoje, o mundo é um mercado. O rápido avanço da globalização significa que cada país, cada cidade e cada região têm de competir com todos os outros pela sua parcela de consumidores do mundo, turistas, investidores, estudantes, empresários, eventos esportivos internacionais e culturais e pela atenção e respeito dos meios de comunicação internacionais, de outros governos, e as pessoas de outros países (ANHOLT, 2007, p. 1, tradução da autora).”

No entanto, ao se tratar de place branding é necessário explorar a relação entre a comunidade e o lugar, e o significado do mesmo para ela, deixando de lado a importância tão somente da imagem externa.

O termo Branding está ligado à gestão de marcas, que vai muito além de um logotipo ou identidade visual. Para Silva (2014), ela é o conjunto de significados construídos pelos indivíduos, o que geralmente estabelece um relacionamento emocional. Anholt menciona o termo brand purpose, que se relaciona à cultura organizacional, tratada por Coolidge (2006) como ponto focal da marca, já que se a mesma não refletir a cultura e realidade da organização, pode ser considerada uma fraude.

Com isso, para compreender melhor os ideais de place branding e sua aplicabilidade, é importante conhecer o sentido de “lugar”, que para a geografia humana é entendido como o espaço vivido, criado a partir das memórias e experiências vividas na relação entre indivíduo e espaço. Conforme Leite (1998), os lugares só adquirem identidade e significado através da intenção humana e da relação existente entre aquelas intenções e os atributos objetivos do lugar, ou seja, o cenário físico e as atividades ali desenvolvidas.

A partir do conhecimento de “lugar”, entende-se então como é essencial para a criação de um espaço público que ele seja pensado com e para a comunidade que faz uso dele e o conhece melhor que ninguém, construindo assim mais do que um espaço, um lugar. Como é descrito por Esteves (2016), place branding como um processo de identificar vocações, potencializar identidades e engajar pessoas para fortalecer lugares.

Em suma, o método de place branding revela que para construir um lugar é primordial que se vá além de suas características físicas e sociais, é preciso compreender suas experiências e memórias, através da percepção da comunidade que o envolve.

7. Matriz de Condicionantes, Potencialidades e Deficiências (CPD)

A matriz CPD é um método historicamente utilizado por planejadores para diagnosticar áreas urbanas, sendo constantemente utilizado na construção de Planos Diretores, por tratar com abrangência os elementos estruturais de sua análise, tem como base três elementos: os Condicionantes, as Potencialidades e as Deficiências do ambiente (PADILHA; TREVISOL; BERNARDY, 2017). Esse método consiste basicamente no desenvolvimento e classificação dos elementos estruturais do espaço (MORGAN et al, 2015) atribuindo a cada um deles uma função dentro do processo de desenvolvimento.

O Plano Diretor de Blumenau (2008) destaca que em virtude da possibilidade de apresentação gráfica, os resultados de sua aplicação podem ser transmitidos com maior facilidade e define seus elementos como:

- Condicionantes - Elementos da estrutura urbana que devem ser mantidos, preservados ou conservados e, sobretudo, considerados no planejamento. São, basicamente, os elementos do ambiente urbano e natural, ou planos e decisões existentes, com consequências futuras previsíveis no ambiente físico ou na estrutura urbana, que determinam a ocupação e o uso do espaço em estudo. (não posso mudar, já existe, ou é muito bom)
- Deficiências - Situações que devem ser melhoradas ou problemas que devem ser eliminados. São situações negativas para o desempenho das funções da cidade, e que significam estrangulamentos de caráter qualitativo e quantitativo para o desenvolvimento da área em estudo e da sua comunidade.
- Potencialidades - Elementos, recursos ou vantagens que podem ser incorporados positivamente ao sistema territorial e que até então não foram aproveitados adequadamente. (Deve ser melhorado)

Com as deficiências e potenciais em evidência, o processo de elaboração de um projeto mais objetivo e que satisfaça as demandas da região se torna mais simples e claro, o que é extremamente significativo quando se busca a concretização de um projeto eficiente, personalizado e direcionado a um determinado público e região.

8. Diagnóstico da Avenida Doutor Lisboa e Avenida Getúlio Vargas (Metodologia Safari)

Trecho 1: Vicente Simões – Bernardino de Campos

Contexto e Perfil

Densidade	Usos	Faixa etária	Etnias	Atração
Média	Misto – com., resid. e instit.	20 – 50 anos	Branco e Pardo	Comércio

Análise Geral:

Largura/Afastamento	Largura leito carroçável	18 metros
	Largura calçada	3,90 metros / 3,50 metros
	Faixa Livre	3,00 metros / 2,60 metros
Recuos no térreo	Edifícios alinhados	-
Testada do lote	Média de Comprimento	10 metros
Entradas: acessos aos edifícios	Número total	34 unidades
	Média largura	1,5 metro
Transparência da fachada	Média	40%
	Número de Vitrines	11 unidades
Detalhamento da arquitetura	Principais Componentes	Letreiros e toldos
Marquise/toldo e outros	Tipo: toldo	18 unidades
	Dimensões médias	Projeção: 2,00 metros
Rebaixamento de guias	Número total	2 unidades
	Média de largura	5,75 metros
Pontuação da experiência na calçada	Conectividade	Bom
	Acessibilidade	Bom
	Segurança	Ótimo
	Diversidade	Médio
	Escala pedestre	Ótimo
	Sustentabilidade	Ruim

Seção Atual:



Trecho 2: Rua Bernardino Campos – Marechal Deodoro

Contexto e Perfil

Densidade	Usos	Faixa etária	Etnias	Atração
Alta	Comercial	15 – 40 anos	Branco e Pardo	Comércio

Análise Geral:

Largura/Afastamento	Largura leito carroçável	17,50 metros
	Largura calçada	3,90 metros / 3,50 metros
	Faixa Livre	3,00 metros / 2,60 metros
Recuos no térreo	Edifícios alinhados	
Testada do Lote	Média de Comprimento	10 metros
Entradas: acessos aos edifícios	Número total	34 unidades
	Média largura	2,00 metros
Transparência da fachada	Número de Vitrines	6
Detalhamento da arquitetura	Principais Componentes	Letreiros e toldos
	Marquise/toldo e outros	Tipo: toldo
Rebaixamento de guias	Dimensões médias	Projeção: 1,0 m
	Número total	1 unidades
Pontuação da experiência na calçada	Média de largura	2,70 metros
	Conectividade	Bom
	Acessibilidade	Bom
	Segurança	Ótimo
	Diversidade	Bom
	Escala pedestre	Ótimo
Sustentabilidade	Ruim	

Seção Atual:



Sem escala

Trecho 3: Marechal Deodoro – Coronel Herculano Cobra

Contexto e Perfil

Densidade	Usos	Faixa etária	Etnias	Atração
Alta	Misto – Comercial e Institucional	15 – 50 anos	Branco e Pardo	Teatro

Análise Geral:

Largura/Afastamento	Largura leito carroçável	17,50 metros
	Largura calçada	3,50 metros / 3,90 metros
	Faixa Livre	3,00 metros / 2,60 metros
Recuos no térreo	Edifícios alinhados	-
Lote	Média de comprimento	10 metros
Entradas: acessos aos edifícios	Número total	45 unidades
	Média largura	1,5 metros
Transparência da fachada	Número de Vitrines	5
Detalhamento da arquitetura	Principais Componentes	Ornamentos antigos
Marquise/toldo e outros	Tipo: toldo	29 unidades
	Dimensões médias	Projeção: 2 m
Rebaixamento de guias	Número total	-
	Média de largura	-
Pontuação da experiência na calçada	Conectividade	Bom
	Acessibilidade	Bom
	Segurança	Ótimo
	Diversidade	Médio
	Escala pedestre	Ótimo
	Sustentabilidade	Ruim

Seção Atual:



Sem escala

Trecho 4: Coronel Herculano Cobra – Comendador José Garcia

Contexto e Perfil

Densidade	Usos	Faixa etária	Etnias	Atração
Alta	Misto – Comercial e Institucional	15 – 50 anos	Branco e Pardo	Escola/ Centro Cultural

Análise Geral:

Largura/Afastamento	Largura leito carroçável	15,50 metros
	Largura calçada	3,50 metros / 3,90 metros
	Faixa Livre	2,60 metros / 3,00 metros
Recuos no térreo	Edifícios alinhados	-
Lote	Média de comprimento	15 metros
Entradas: acessos aos edifícios	Número total	24 unidades
	Média largura	1,5 metros
Transparência da fachada	Número de Vitrines	6
Detalhamento da arquitetura	Principais Componentes	Ornamentos antigos, letreiros e toldos.
Marquise/toldo e outros	Tipo: toldo	10 unidades
	Dimensões médias	Projeção: 2 m

Rebaixamento de guias	Número total	1
	Média de largura	3,00 metros
Pontuação da experiência na calçada	Conectividade	Bom
	Acessibilidade	Bom
	Segurança	Ótimo
	Diversidade	Médio
	Escala pedestre	Ótimo
	Sustentabilidade	Ruim

Seção Atual:



Sem escala

Trecho 5: Comendador José Garcia – Travessa João Silva

Contexto e Perfil

Densidade	Usos	Faixa etária	Etnias	Atração
Alta	Comercial	20 – 60 anos	Branco e Pardo	Igreja

Análise Geral:

Largura/Afastamento	Largura leito carroçável	12,80 metros
	Largura calçada	3,50 metros / 3,60 metros
	Faixa Livre	3,50 metros / 2,70 metros
Recuos no térreo	Edifícios alinhados	-
Lote	Média de Comprimento	15 metros
Entradas: acessos aos edifícios	Número total	19 unidades
	Média largura	2 metros
Transparência da fachada	Número de Vitrines	3
Detalhamento da arquitetura	Principais Componentes	Letreiros e toldos
Marquise/toldo e outros	Tipo: toldo	5 unidades
	Dimensões médias	Projeção: 1,5 m
Rebaixamento de guias	Número total	-

Pontuação da experiência na calçada	Média de largura	
	Conectividade	Bom
	Acessibilidade	Bom
	Segurança	Ótimo
	Diversidade	Bom
	Escala pedestre	Bom
	Sustentabilidade	Médio

Seção Atual:



Trecho 6: Travessa João Silva – Bom Jesus

Contexto e Perfil

Densidade	Usos	Faixa etária	Etnias	Atração
Alta	Comercial	20 – 60 anos	Branco e Pardo	Igreja

Análise Geral:

Largura/Afastamento	Largura leito carroçável	15 metros
	Largura calçada	3,50 metros / 3,60 metros
	Faixa Livre	2,70 metros
Recuos no térreo	Edifícios alinhados	-
Lote	Média de Comprimento	15 metros
Entradas: acessos aos edifícios	Número total	18 unidades
	Média largura	2 metros
Transparência da fachada	Número de Vitrines	1
Detalhamento da arquitetura	Principais Componentes	Ornamentos antigos
Marquise/toldo e outros	Tipo: toldo	9 unidades
	Dimensões médias	Projeção: 1,0 m
Rebaixamento de guias	Número total	2 unidades
	Média de largura	3,50 metros

Pontuação da experiência na calçada	Conectividade	Médio
	Acessibilidade	Ruim
	Segurança	Ótimo
	Diversidade	Ruim
	Escala pedestre	Bom
	Sustentabilidade	Ruim

Seção Atual:



Sem escala

Contexto e Perfil

Densidade	Usos	Faixa etária	Etnias	Atração
Média	Comercial	25 – 60 anos	Branco e Pardo	Cartório

Análise Geral:

Largura/Afastamento	Largura leito carroçável	11,60 metros
	Largura calçada	2,00 metros / 3,80 metros
	Faixa Livre	2,00 metros / 2,90 metros
Recuos no térreo	Edifícios alinhados	-

Lote	Comprimento testada	12 metros
Entradas: acessos aos edifícios	Número total	22 unidades
	Média largura	1,5 metros
Transparência da fachada	Número de Vitrines	4
Detalhamento da arquitetura	Principais Componentes	Letreiros e toldos
Marquise/toldo e outros	Tipo: toldo	6 unidades
	Dimensões médias	Projeção: 1,5 m
Rebaixamento de guias	Número total	4 unidades
	Média de largura	4,60 metros
Pontuação da experiência na calçada	Conectividade	Bom
	Acessibilidade	Médio
	Segurança	Ótimo
	Diversidade	Ruim
	Escala pedestre	Bom
	Sustentabilidade	Ruim

Seção Atual:



Sem escala

Trecho 10: Afonso Pena – Rua Dom Neri

Contexto e Perfil

Densidade	Usos	Faixa etária	Etnias	Atração
Média	Comercial	15 – 40 anos	Branco e Pardo	Banco/ Bares/ Comércio

Análise Geral:

Largura/Afastamento	Largura leito carroçável	14,50 metros
	Largura calçada	3,60 metros
	Faixa Livre	2,70 metros
Recuos no térreo	Edifícios alinhados	-
Lote	Média de comprimento	12 metros
Entradas: acessos aos edifícios	Número total	26 unidades
	Média largura	2 metros
Transparência da fachada	Número de Vitrines	6
Detalhamento da arquitetura	Principais Componentes	Letreiros e toldos
Marquise/toldo e outros	Tipo: toldo	26 unidades
	Dimensões médias	Projeção: 1,5 m
Rebaixamento de guias	Número total	-
	Média de largura	-
Pontuação da experiência na calçada	Conectividade	Ótimo
	Acessibilidade	Bom
	Segurança	Ótimo
	Diversidade	Médio
	Escala pedestre	Ótimo
	Sustentabilidade	Médio

Seção Atual:



Sem escala

9. Diagnóstico da Rua Adalberto Ferraz (Metodologia Safari)

Trecho 1: Avenida Duque de Caxias – Rua Afonso Pena

Contexto e Perfil

Densidade	Usos	Faixa etária	Etnias	Atração
Média	Misto – com., resid. e instit.	20 – 50 anos	Branco e Pardo	Mercado

Análise Geral:

Largura/Afastamento	Largura leito carroçável	5,80 metros
	Largura calçada	1,50 metros / 2,00 metros
	Faixa Livre	1,00 metro
Recuos no terreno	Edifícios alinhados	-
Testada do lote	Média de Comprimento	6 metros
Entradas: acessos aos edifícios	Número total	41 unidades
	Média largura	2,00 metros
Transparência da fachada	Número de Vitrines	05 unidades
Detalhamento da arquitetura	Principais Componentes	Letreiros e toldos
Marquise/toldo e outros	Tipo: toldo	19 unidades
	Dimensões médias	Projeção: 1,50 m
Rebaixamento de guias	Número total	2 unidades
	Média de largura	5,00 metros
Pontuação da experiência na calçada	Conectividade	Bom
	Acessibilidade	Ruim
	Segurança	Ótimo
	Diversidade	Bom
	Escala pedestre	Ótimo
	Sustentabilidade	Ruim

Seção Atual:



Trecho 2: Rua Afonso Pena – Rua Dom Neri

Contexto e Perfil

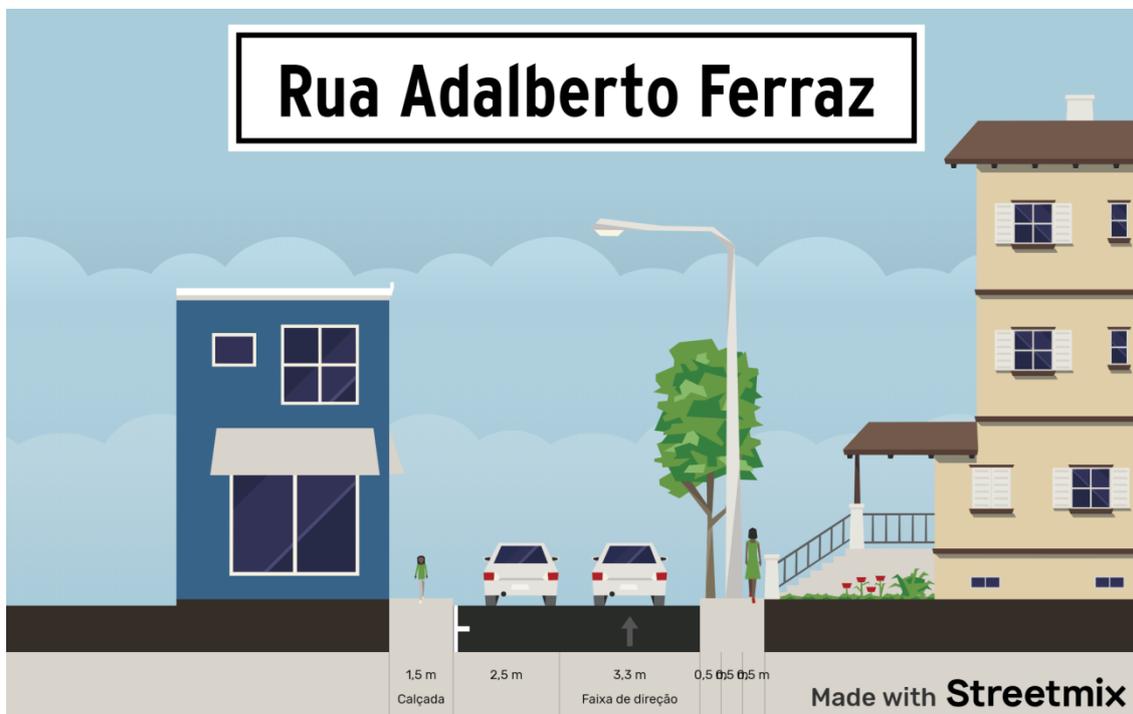
Densidade	Usos	Faixa etária	Etnias	Atração
Média	Misto – com., resid. e instit.	05 – 50 anos	Branco e Pardo	Comércio

Análise Geral:

Largura/Afastamento	Largura leito carroçável	5,80 metros
	Largura calçada	1,50 metros
	Faixa Livre	1,00 metro
Recuos no terreno	Edifícios alinhados	Não
Testada do lote	Média de Comprimento	10 metros
Entradas: acessos aos edifícios	Número total	45 unidades
	Média largura	2,00 metros
Transparência da fachada	Número de Vitrines	08 unidades
Detalhamento da arquitetura	Principais Componentes	Letreiros e toldos
Marquise/toldo e outros	Tipo: toldo	17 unidades
	Dimensões médias	Projeção: 1,50 m
Rebaixamento de guias	Número total	4 unidades
	Média de largura	3,00 metros
Pontuação da experiência na calçada	Conectividade	Bom
	Acessibilidade	Ruim
	Segurança	Ótimo

	Diversidade	Ruim
	Escala pedestre	Ótimo
	Sustentabilidade	Ruim

Seção Atual:



Trecho 3: Rua Dom Neri – Rua Monsenhor José Paulino

Contexto e Perfil

Densidade	Usos	Faixa etária	Etnias	Atração
Média	Misto – com., resid. e instit.	20 – 50 anos	Branco e Pardo	Comércio

Análise Geral:

Largura/Afastamento	Largura leito carroçável	5,80 metros
	Largura calçada	1,50 metros/ 1,20 metros
	Faixa Livre	1,00 metro/ 0,70 metros
Recuos no térreo	Edifícios alinhados	Não
Testada do lote	Média de Comprimento	10 metros
Entradas: acessos aos edifícios	Número total	30 unidades
	Média largura	1,50 metros
Transparência da fachada	Número de Vitrines	06 unidades
Detalhamento da arquitetura	Principais Componentes	Letreiros e toldos
Marquise/toldo e outros	Tipo: toldo	11 unidades
	Dimensões médias	Projeção: 1,50 m

Rebaixamento de guias	Número total	7 unidades
	Média de largura	3,00 metros
Pontuação da experiência na calçada	Conectividade	Bom
	Acessibilidade	Ruim
	Segurança	Ótimo
	Diversidade	Ruim
	Escala pedestre	Bom
	Sustentabilidade	Ruim

Seção Atual:



Trecho 4: Rua Monsenhor José Paulino - Rua Vieira de Carvalho

Contexto e Perfil

Densidade	Usos	Faixa etária	Etnias	Atração
Média	Misto – com., resid. e instit.	20 – 50 anos	Branco e Pardo	Comércio

Análise Geral:

Largura/Afastamento	Largura leito carroçável	5,80 metros
	Largura calçada	2,00 metros
	Faixa Livre	1,50 metros

Recuos no terreno	Edifícios alinhados	Não
Testada do lote	Média de Comprimento	10 metros
Entradas: acessos aos edifícios	Número total	41 unidades
	Média largura	1,50 metros
Transparência da fachada	Número de Vitrines	09 unidades
Detalhamento da arquitetura	Principais Componentes	Letreiros e toldos
Marquise/toldo e outros	Tipo: toldo	11 unidades
	Dimensões médias	Projeção: 1,50 m
Rebaixamento de guias	Número total	7 unidades
	Média de largura	3,00 metros
Pontuação da experiência na calçada	Conectividade	Bom
	Acessibilidade	Ruim
	Segurança	Bom
	Diversidade	Ruim
	Escala pedestre	Bom
	Sustentabilidade	Ruim

Seção Atual:



Trecho 5: Rua Vieira de Carvalho - Rua São José

Contexto e Perfil

Densidade	Usos	Faixa etária	Etnias	Atração
Média	Misto – com., resid. e instit.	20 – 50 anos	Branco e Pardo	Comércio

Análise Geral:

Largura/Afastamento	Largura leito carroçável	5,80 metros
	Largura calçada	1,80 metros/ 1,50 metros
	Faixa Livre	0,90 metros/ 0,60 metros
Recuos no térreo	Edifícios alinhados	Não
Testada do lote	Média de Comprimento	14 metros
Entradas: acessos aos edifícios	Número total	27 unidades
	Média largura	1,50 metros
Transparência da fachada	Número de Vitrines	04 unidades
Detalhamento da arquitetura	Principais Componentes	Letreiros e toldos
Marquise/toldo e outros	Tipo: toldo	06 unidades
	Dimensões médias	Projeção: 1,50 m
Rebaixamento de guias	Número total	09 unidades
	Média de largura	3,00 metros
Pontuação da experiência na calçada	Conectividade	Bom
	Acessibilidade	Ruim
	Segurança	Bom
	Diversidade	Ruim
	Escala pedestre	Bom
	Sustentabilidade	Ruim

Seção Atual:

